



PARTE I

DOSSIE BELO HORIZONTE CENTENÁRIA

A CIDADE E SEUS ESCRITORES

EDIFÍCIO: QUE GERAÇÃO É ESSA?

*Eneida Maria de Souza**

RESUMO

Este ensaio tem como objetivo a apresentação da geração **Edifício**, um grupo de intelectuais reunidos em torno da revista do mesmo nome. Surgida em 1946, em Belo Horizonte, a revista teve quatro números, e se inscreve como um dos mais importantes documentos para a recuperação da memória da vida literária de sua época.

Discorrer sobre a revista **Edifício** e sobre a relação entre Autran Dourado e sua geração é apresentar aos leitores de hoje um grupo de jovens intelectuais que, na Belo Horizonte que completava quase 50 anos, se reunia em torno da figura de Drummond, o grande modelo e guia. Marcado ainda por acontecimentos políticos de grande vulto – a ditadura de Vargas e a 2ª Guerra Mundial – o grupo refletia as inquietações do momento, lutava pela liberdade e por uma literatura de forte tendência populista. Entre os seus representantes, quase todos filiados ao Partido Comunista, destacam-se: Wilson Figueiredo (secretário), Valdomiro Autran Dourado (redator-chefe), redatores (Sábato Magaldi, Francisco Iglésias, Pedro Paulo Ernesto, Edmur Fonseca e Walter Andrade). Outros contistas, poetas e ensaístas são igualmente representativos dessa geração: Jacques do Prado Brandão, Marco Antônio Tavares Coelho, Octavio Alvarenga e Pontes de Paula Lima. O grupo era formado por estudantes de Direito, de História, jornalistas, ensaístas, poetas, contistas e críticos de cinema. Com alguma exceção, a grande maioria não se notabilizou, como escritor ou poeta, no contexto literário brasileiro.

Foi breve a duração da revista: quatro números, referentes ao período de janeiro a junho de 1946. No escritório da redação, à rua Levindo Lopes, 271, nasceu uma publicação modesta, sem grandes inovações gráficas, tendo nas três últimas capas a assinatura de Heitor Coutinho. As ilustrações internas apresentam-se graficamente de forma simples, nos moldes das revistas usualmente confeccionadas nos anos 40. O precário recurso utilizado na confecção do material publicitário constava basicamente de informações textuais, sem a presença de ilustrações, tais como a Li-

* Universidade Federal de Minas Gerais.

varria Oliveira e Costa, Lux, Livraria Cultura Brasileira, Oscar Nicolai, anúncios de escritórios de advocacia e fábricas. A modernização do espaço urbano, com a construção de prédios amplos e a abertura de livrarias, acompanhava o programa político e arquitetônico de Juscelino Kubitschek, disposto a promover maior visibilidade ao novo perfil de cidade. A construção da Pampulha, uma de suas mais importantes realizações, procurava colocar Belo Horizonte no debate artístico e arquitetônico nacional, tendo o então Prefeito promovido, para tal fim, a *Exposição de Arte Moderna*, em 1944, sob a curadoria de Guignard e Menegale. O Cassino da Pampulha, ponto alto de encontro da sociedade belo-horizontina, aparece na **Edifício** com ilustrações de bailarinas, publicidade que funcionava como cartão de visita da cidade e como convite para a sua entrada na vida noturna já existente nos grandes centros. O reclame atinge significado mais abrangente, na medida em que dava legitimidade a um espaço moderno de lazer onde a intelectualidade mineira se fazia igualmente representar. A presença de Kubitschek iria ainda ser alvo de agudas críticas por parte de muitos dessa geração, além de ter sido importante para a carreira não-literária de alguns escritores, dentre eles, Autran Dourado.

Os textos publicados na revista constavam de poemas, ensaios, contos, assinados pelos iniciantes e por escritores consagrados, como Vinícius de Moraes, Drummond, Lúcio Cardoso, Emílio Moura, Alphonsus Guimarães Filho, entre outros. O segundo número, considerado pela crítica o mais interessante, é composto de depoimentos de jovens intelectuais, que não haviam ainda publicado livros, com exceção de Fernando Sabino. Incluem-se, nesta lista, os católicos Hélio Pellegrino, Otto Lara Resende, Etienne Filho, Amaro Xisto, Fernando Sabino, os comunistas e fundadores da revista, Autran Dourado, Sábato Magaldi, Edmur Fonseca, Francisco Iglésias, além de duas mulheres, Vanessa Netto e Lucy Teixeira, aspirantes a escritoras, que, contudo, não levaram adiante a carreira literária. Jacques do Prado Brandão e Carlos Castello Branco não quiseram, segundo notícia estampada na apresentação, responder ao inquérito, por “acharem as perguntas ridículas”. Foram ao todo vinte e cinco depoimentos, precedidos de um breve currículo dos entrevistados, a maioria feita por Wilson Figueiredo, mas sem assinatura. Escrita em tom humorístico e original, a apresentação contrastava com as perguntas e respostas contidas nos depoimentos, em que predominavam seriedade e boa intenção. Um estudo mais detalhado dessa geração poderá ser feito a partir desses depoimentos, reveladores das inquietações vividas por um grupo de aspirantes a escritores, no período de pós-guerra no Brasil.¹

¹ Humberto Werneck, em *O desatino da rapaziada*, analisa a aproximação deste grupo mais novo com os quatro amigos inseparáveis, Hélio Pellegrino, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Otto Lara Resende: “O engate com o grupo mais velho – ‘os quatro grandes’, como os vintanistas ironicamente se auto-intitulavam – foi facilitado pela circunstância de Sábato Magaldi e Hélio Pellegrino serem primos. Boa camaradagem se estabeleceu entre as duas turmas, embora Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Otto Lara Resende tenham deixado o convívio belo-horizontino entre 1944 e 1945. Mas havia, a separá-las, uma diferença nítida: o maior grau de politização dos mais jovens. ‘As aproximações da nova geração literária são mais políticas que estéticas’, deixou claro Sábato Magaldi num dos dos números de *Edifício*.” (Werneck, 1992, p. 115)

Sem a preocupação de analisar, em profundidade, a revista, gostaria de apontar algumas linhas de conduta intelectual que caracterizavam o grupo, assim como o lugar ocupado por ele na cultura brasileira dos últimos 50 anos.

A figura de Drummond, marca registrada da geração dos “quatro vintanistas” – Otto Lara Resende, Hélio Pellegrino, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos – continua a desempenhar, nos moços da **Edifício**, o mesmo papel de guia literário e intelectual. A epígrafe do periódico, “E agora José”, sela a homenagem, pela referência ao antológico poema de Drummond. Na apresentação do primeiro número da revista, é o mesmo poeta quem atua como referência, através da epígrafe reveladora do caráter corrosivo e irônico dos versos de “*Edifício esplendor*”, pela desconstrução da idéia de solidez aí presente: “Que século, meu Deus! Diziam os ratos./E começaram a roer o *Edifício*”.

A relação que se estabelece entre os jovens escritores da década de 40 com os poetas representativos do Modernismo não traz a marca de grandes rupturas de ordem estética, uma vez que esses jovens se encontravam a meio caminho do modernismo tardio, da religiosidade e do ateísmo reinantes na época. Exemplos evidentes podem ser detectados no convívio compartilhado com Mário de Andrade, Drummond e Murilo Mendes. Drummond acabara de publicar **A Rosa do Povo**, de 1945, obra de referência verificada em todos os depoimentos prestados à revista. A lição de poesia mesclava estética e engajamento político do escritor, que, impedido de permanecer distanciado na sua torre de marfim, deveria colocar-se como porta-voz da revolução democrática. O prefácio de Drummond à **Confissão de Minas**, de 1944 e citado na apresentação do segundo número da revista, representa um marco importante para a compreensão do que o poeta manifestava sobre o momento político e sobre o papel do intelectual:

E digo aos rapazes: Rapazes, se querem que a literatura tenha algum préstimo, no mundo de amanhã (o mundo melhor que, com todas as utopias, avança inexoravelmente), reformem o conceito de literatura. Já não é possível viver no clima das obras-primas fulgurantes e...podres, e legar ao futuro apenas esse saldo dos séculos. Reformem a própria capacidade de admirar e de imitar, inventem olhos novos ou novas maneiras de olhar, para merecerem o espetáculo novo de que estão participando. Se lhes disserem que tudo isso é novo e que já houve guerras, e depois armistícios e depois outras guerras, etc., etc., não levem a sério essa falsa experiência histórica, que impede qualquer melhoria da história. Se tudo foi dito, então o remédio é o suicídio sob qualquer de suas formas, inclusive a do beato e precário contentamento de existir na época do rádio e das roupas de vidro. Prefiro acreditar que nada foi feito nem escrito nem descoberto. Que estamos começando a nascer, e que os gênios nacionais e estrangeiros não foram ainda inventados. Porque antes negá-los todos do que viver esmagado por eles, e como pesam! de todo o peso da aceitação e da facilidade. (Andrade, 1967, p. 520)

A prática constante da citação dos versos de Drummond pelos jovens – seja a apropriação automática e humorística de fragmentos de poemas, agrupados sob a

forma de colagem nas conversas cotidianas, seja através do uso sério de sua lição de cidadania – reiterava não só o modelo estético da geração, como o convite à militância social e política. A guerra trouxe o aguçamento do compromisso do intelectual com os valores humanísticos, o que iria, certamente, transferir para a literatura o papel de mediadora na luta social. Com a morte de Mário de Andrade, em 1945, a sua lição de poesia e política torna-se cada vez mais cultuada, principalmente por ter-se comportado, em relação aos mais jovens, de forma pedagógica e paternalista. A “Elegia de abril”, artigo publicado na revista **Clima**, em 1941, e o balanço do movimento modernista, de 42, tema da conferência proferida no Itamarati, além de uma entrevista concedida à revista **Diretrizes**, servirão de modelo para justificar a posição politizada do grupo. A participação efetiva do intelectual na vida literária e política da nação, seja pela vertente comunista, seja pela católica, constitui, em especial para os rapazes de **Edifício**, a saída encontrada naquele momento.

Um dos colaboradores de **Edifício**, pertencente a uma geração mais velha, é João Etienne Filho, que no seu depoimento confessa não ter tido mestres, pois o “verdadeiro mestre é Cristo”. A forte presença do catolicismo em vários intelectuais se explica também pela influência de grandes nomes da crítica e da literatura brasileira e francesa da época: Alceu de Amoroso Lima, Georges Bernanos, Murilo Mendes, entre outros. Perguntado, na entrevista, quais tinham sido seus mestres, Etienne declara que, acima de Tristão de Athayde e Mário de Andrade, “Mestre mesmo, para mim, só há um, que é o Caminho, a Verdade e a Vida”. As conseqüências da ideologia cristã no pensamento de muitos desses escritores têm merecido pesquisas que ampliam a rede de escritores reunidos em torno de Tristão de Athayde, Bernanos, Edgar da Mata Machado, entre outros.²

Dentre as propostas ideológicas da geração **Edifício**, a universalidade sobressai no depoimento de Otto Lara Resende. No seu entender, o que os distinguiria das gerações passadas seria o universalismo, entendido como o crescente interesse dos rapazes pelo “drama político da Indonésia ou da China.”:

Estamos bojudos de generosidade e boa-vontade, nobres, sem dúvida, e, não raro a conversa nos cafés toma aspectos de salvação iminente do mundo. Mas, por outro lado, esses mesmos rapazes se dispersam e se gastam sem muito fruto, se os vejo sob o prisma da literatura apenas. No entanto, que é a literatura? (Resende, 1946, p. 43)

Contra a “gratuidade literária”, os defensores da torre de marfim, é que a opinião de Otto vai se insurgir, entendendo-se por universalismo não apenas a descida do escritor de sua torre, como a abertura para os problemas sociais e políticos.

² Ver, a propósito da correspondência entre Hélio Pellegrino e Murilo Mendes, o meu artigo, “Vozes de Minas nos anos 40”, além do livro **A voz do veto**, de Aparecida Paiva, que trata da censura católica aos romances brasileiros e abarca a função da crítica exercida pela intelectualidade católica à produção literária dos anos 30 e 40. Ver, também, a tese de Thais Drummond, **Helio Pellegrino**; um ensaio biográfico, defendida na FALE/UFMG, em abril de 1998.

Universalismo que se resume ainda na “revitalização da cristandade”, na possível cristianização dos povos. Ideologicamente centrado no paradigma católico, o conceito de universalidade de Otto – e de seus companheiros e mestres – se une, de forma bastante clara, ao universalismo dos amigos comunistas, fundadores da **Edifício** e cultores de Marx, que não deixa de ser um outro deus. A necessidade de assumir o individualismo como condição para se impor como cidadão e artista, na opinião de Autran Dourado e de muitos deles, implica igualmente a defesa de uma literatura que atingisse os ideais coletivos, sem se tornar comprometida com princípios ideológicos. O universalismo dos ideais marxistas recai, contudo, no humanismo pregado tanto pelos católicos quanto pelos comunistas.

Em depoimento concedido à revista, Sábado Magaldi traduz essa universalidade de modo irônico, ao ser perguntado sobre os autores que mais o influenciaram: “Difícil falar, sem desdour ou pedantismo, quais os autores que mais nos influenciaram. Citaremos inevitavelmente nomes ilustres, com a probabilidade grotesca de parecermos discípulos bastardos, e revelarmos debaixo de seu apanágio suspeito a vocação autêntica de cronistas da Gameleira.” (Magaldi, 1946, p. 12)

O mundo ainda era muito grande e as distâncias, maiores. Ter a vocação autêntica de cronista da Gameleira poderia soar, para muitos, como prova dessa consciência do pouco que a intelectualidade de Belo Horizonte representava para o mundo. A convivência com os dois pólos – o local e o universal, como hoje os denominamos – era marcada pelo intenso desejo de se entrar na discussão mais ampla dos ideais libertários, o que impulsionava o grupo a manter os olhos abertos para o que acontecia lá fora. Num momento de recomposição democrática e de fim de guerra, tornava-se natural a negociação entre princípios nacionais e internacionais, prevalecendo, contudo, a recusa de se pensar mais o Brasil do que o estrangeiro. O programa nacionalista, marca registrada do alto modernismo – e da ditadura – ia aos poucos perdendo terreno, com a perspectiva nascente de uma literatura que se impunha pela diluição do modelo figurativo. O caráter político dessa geração irá, paradoxalmente, escolher determinados princípios estéticos voltados para os processos intimistas de criação, o experimentalismo e o fantástico.

Não é de se estranhar que, do ponto de vista das leituras, pouco de provinciano ou de bairrismo transpareça na atitude intelectual dos representantes da revista **Edifício**. A convivência com obras de autores estrangeiros consagrados atesta a exigência e as preferências literárias do grupo: Kafka, Gide, Maiakovski, Proust, Joyce, Nietzsche, Baudelaire e Dostoievski. Entre os autores brasileiros, a presença dos modernistas Drummond e Mário de Andrade, ao lado do contemporâneo Octávio de Faria. A tendência trágica e angustiosa dessa geração, estampada nas preferências literárias, como Dostoievski e Kafka, se filia a outra vertente, de teor mais humanista e social.

Esse ideal de universalidade traz ainda implícita a sua relação com o espírito coletivo, no qual toda arte deveria se pautar, ao serem respeitados os valores indi-

viduais, mas incentivadas as propostas coletivas. O papel do proletariado como dirigente na nova estrutura da sociedade é a preocupação daqueles que militavam no partido comunista, reivindicação bebida em Marx. Nesse sentido, as idéias universalizantes de Marx ganham espaço no programa estético do grupo, ou melhor, no seu programa ideológico. As diferenças entre as duas facções da revista serão apontadas na apresentação de seu primeiro número, o que propiciava a abertura para o debate ideológico, mas o que igualmente denunciava a semelhança, mesmo negada, entre católicos e comunistas.

No entender de Amaro Xisto de Queiroz, a mais fecunda experiência herdada por essa geração foi a dos modernistas. Por essa razão – e talvez esteja aqui uma das explicações para se caracterizar o grupo – não se verifica a produção de novos manifestos de ordem estética, pela prisão às inovações trazidas pelo alto modernismo. Segundo Otto Lara Resende, a geração, literariamente, foi muito sacrificada. Estaria ele profetizando o destino da maioria dos intelectuais surgidos nessa época, que não conseguiram se impor – ou não fizeram da literatura a sua meta de vida?

Morse Belém Teixeira, futuro professor da Faculdade de Filosofia, é mais categórico no seu depoimento, ao emitir uma opinião radical sobre a geração. Discute, de forma lúcida, o lugar ocupado pelo modernista Mário de Andrade entre as três gerações de intelectuais mineiros, apontando o culto excessivo ao mestre de São Paulo:

Um exemplo da desorientação geral: Carlos Drummond de Andrade nas “Confissões de Minas” informou ter sido discípulo de Mário de Andrade. Não só discípulo, aluno. Isto se deu há 17 anos, quando o grande poeta mineiro iniciava a sua extraordinária jornada. Pois bem, os rapazes que nasceram ao tempo em que Carlos Drummond se orientava através de Mário, e outros poucos mais antigos, ainda hoje só enxergam Mário como um provável mestre. Três conclusões melancólicas: 1) fraqueza dos intelectuais brasileiros, incapazes de uma originalidade que alimente a curiosidade dos mais jovens. 2) fracasso de Mário de Andrade, sozinho, incapaz de cumprir essa gigantesca tarefa de educar três gerações. 3) desorientação e debilidade das novas gerações que se contentam com lições de segunda mão. Sobre Mário de Andrade é necessário ter a coragem de afirmar que ele não estava também preparado para orientar o pensamento brasileiro. Ele foi sobretudo um genial professor de bondade e de grandeza humana, a mais extraordinária figura da inteligência brasileira contemporânea. Mas, mesmo assim, não possuía a maior parte das condições exigidas a um grande guia da inteligência. (Teixeira, 1946, p. 36)

Entre os figurantes da **Edifício**, Autran Dourado irá se destacar como um dos mais significativos escritores contemporâneos, razão pela qual faço referência à sua atuação como membro do grupo e à sua condição de “quase” biógrafo da geração. Os demais se sobressaíram em vários outros setores, como o jornalismo, o magistério, a crítica teatral, cinematográfica e a psicanálise, sem terem se dedicado integralmente à carreira de escritor. Fernando Sabino, da geração precedente, já era considerado, em 1946, um autor reconhecido pela crítica.

O primeiro texto de Autran Dourado publicado em livro, a novela Teia (1947) foi através das Edições **Edifício**, que já havia publicado o volume de poemas de Wilson de Figueiredo, **Mecânica do azul** e de Jacques do Prado Brandão, **Vocabulário noturno**. Merece destaque a proliferação dos escritos da revista na produção de livros, por revelar como a idéia de jovens escritores pôde gerar frutos editoriais de maior fôlego. Embora a maioria das edições fosse custeada pelos autores e reduzido o número de títulos, o que mais importava era a vontade deliberada de um grupo de movimentar, culturalmente, a então pacata vida literária da cidade.

A apresentação de Valdomiro Autran Dourado, no segundo número da revista, revela não só o perfil do jovem estreante como o humor refinado de quem redigiu o texto, o que irá contrastar com as sérias respostas dos entrevistados. O espírito de galhofa reinante em todas as apresentações poderia talvez demonstrar o tom destruidor que impulsiona qualquer movimento frente a outros que o precedem, por se tratar de um currículo sem compromisso com a verdade. Desprovido de uma função meramente informativa, o texto registra, com ironia, as inquietações individuais e coletivas de cada um dos participantes. Condensa, ainda, o clichê caricatural que distinguia cada um dos jovens e a maneira coloquial de serem tratadas as questões que mais os afligiam.

Autran Dourado é um rapaz de 20 anos; comunista, para grande tristeza de sua família. Vocifera dia e noite contra a burguesia, com um bom humor espantoso. É um dos sujeitos mais líricos da Capital Mineira, procurando ver todo mundo pavlovianamente condicionado pelos reflexos do ouro sonante da classe a que pertence. Duas coisas o preocupam cotidianamente: a secreção da matéria chífrea, proveniente de uma briga com a namorada, alimentando seus poemas bissextos, e a burrice dos reacionários. Vindo de um caminho que o levava a ser um Marques Rebelo ou Alcântara Machado mirins em Minas, sofreu um retrocesso, encastelou-se com estopa, e se mete a individualista-coletivista. Afoito. Empregado dos Diários Associados. Apareceu fazendo os piores contos do mundo; contudo, hoje já melhorou e promete estreitar assim que for possível, neste gênero. (Dourado, 1946, p. 30)

Impossível delinear o que ficou das opiniões do jovem escritor, na obra que iria iniciar em 1947. O namoro com o comunismo foi posteriormente rompido, como assim é relatado em **Um artista aprendiz**, livro que reconstrói, ficcionalmente, a sua geração e a formação do escritor João Nogueira, alter-ego de Autran Dourado. A poesia, que já era bissexta, desapareceu por completo de sua vida. O que talvez tenha rendido frutos foi o dilema entre o individualismo e o coletivismo, polêmica cara a todas as épocas, e que muda conforme o rumo da história e das ideologias. No seu entender, o individualismo em que vivem é de tipo diferente, pois jamais se poderia aplicar coletivismo em arte, uma vez que “viemos de um mundo burguês e semi-feudal”. Separa os propósitos políticos dos artísticos, ao defender a criação individual como condição de se produzir uma arte de qualidade, desvinculada das amarras populistas. Mas, como bom comunista, irá defender o papel do proletariado nas lutas

políticas. Daí a ironia com que é apresentado: “se mete a individualista-coletivista”.

Indagado sobre a contribuição do artista na formação política do povo, responde indiretamente com os versos de Drummond: “Deus me abandonou/no meio da orgia/entre uma bahiana e uma egípcia.” Assim, “para aceitar a bahiana totalmente é preciso ter jeito e sentir de fato a bahiana; a egípcia dá-nos um certo frio na espinha e sentimos gelo demais. Podemos dizer que a bahiana é o povo e a egípcia os ‘valores eternos e imutáveis’”. O que o artista pode fazer para a formação política do povo é apenas iluminação indireta. Assim mesmo, os que estão na sala, às vezes, nem dão pela presença da luz indireta: o artista.” (Dourado, 1946, p. 30)

Considerando essa opinião de Autran Dourado, é necessário ponderar que há aí uma notável conscientização dos limites da função social da arte e da atualidade dessa proposta. A “iluminação indireta” esclarece com bastante lucidez o papel do intelectual diante dos problemas sociais e o dilema entre valores “eternos” e os circunstanciais (nacionais). A participação política do artista é interpretada ainda pelo aspecto lúdico do carnaval, da fantasia e da dança. A imagem da baiana como povo convida à participação mais direta com o dançarino, assim como maior grau de fruição. Os valores eternos, egípcia que amendronta, participam da dança, mas sem grande poder de aproximação. Se a arte se transforma em mera divulgação dos anseios de uma determinada classe, corre-se o risco de sacrificá-la em favor de valores emergentes. A saída é continuar no dilema.

As leituras de Autran Dourado tampouco se distinguem da preferência dos demais: Machado de Assis, Mário de Andrade, Malraux, Gide, Drummond, Murilo Mendes e Vinícius de Moraes, autores com os quais irá manter um convívio permanente, como é, em especial, o caso de Machado de Assis. O livro **Teia**, publicado há 50 anos, conserva o ambiente intimista e noturno de um Dostoiévski, construído em torno de uma história que não se desvenda, marcada pela perda do pai do protagonista e de sua experiência numa pensão misteriosa. Escrita sob o signo da morte, a novela se estrutura numa linguagem limpa e enxuta, abrindo espaço para a literatura que irá se configurar pelo caráter intimista e pela exploração de temas centrados na angústia, como assim sugeriam as personagens literárias da época. Sem a preocupação em contextualizar o espaço real da trama – tudo se passa num quarto de pensão – o texto é mais seduzido pela egípcia do que pela baiana. Pautada por uma estética mais universalista e abstrata, **Teia** representa a tendência da nova geração de escritores que despontava na década de 40 no Brasil, guardadas, contudo, as devidas diferenças: Clarice Lispector, Guimarães Rosa e o já consagrado Lúcio Cardoso.

A cidade de Belo Horizonte atua como cenário do romance **Um artista aprendiz**, em que se narra a história da geração, acentuando a formação intelectual da personagem João Nogueira. E de que maneira o faz? Mudando os nomes dos colegas, dos amigos, da revista **Edifício**, com o intuito de dramatizar a experiência. Qual seria, portanto, a intenção de se fazer memória com a caricatura de seus personagens, à maneira de outro mineiro que o antecedeu no gênero, Fernando Sabino,

em **O encontro marcado**? A técnica utilizada por Autran Dourado coloca em xeque o gênero memorialístico, pela intenção deliberada de maquiagem os fatos e de construir personagens com base nas pessoas existentes, abolindo-se o caráter mimético da apropriação. Situado a meio caminho da história e da ficção, **Um artista aprendiz** oferece, contudo, grande contribuição para o estabelecimento da vida literária da década de 40 em Belo Horizonte, não só pela visão crítica do momento como pelo registro, embora pouco verossímil, dos fatos.

*É difícil dizer de quem partiu a idéia de fundar a revista do grupo. Os mais ativos e entusiasmados eram Walter Gabriel e Domingos. Se reuniram para discutir como seria a revista, se teria um manifesto ou não, qual o nome. Augusto Néri sugeriu o nome **Combate**, que todos acharam péssimo. Não estamos em 1922, não temos de combater coisa nenhuma, a não ser o mau gosto, disse Domingos. É, não há mais bastilha literária a tomar, a língua literária não está mais esclerosada como em 22, disse João. O que temos de fazer é construir. Daí chegaram a um consenso e o título da revista ficou sendo **Construção**. (Dourado, 1989, p. 171)*

O jogo de palavras no início do período sugere claramente o nome da revista **Edifício**, mas o autor prefere denominá-la **Construção**. A idéia de estar o Modernismo já consolidado nesse período impede ao grupo a tomada de uma posição mais radical frente à tradição. Em termos de língua literária, a desconstrução estava feita, e agora o que restava era construir. Essa interpretação da personagem do romance fornece alguma luz para se entender que a preocupação do grupo era muito mais política do que estética, como expressou Sábato Magaldi. As transformações literárias processadas por essa geração não chegaram a construir novos parâmetros, embora tenham buscado resoluções estéticas distintas daquelas do Modernismo.

No caso de Autran Dourado, a abstração buscada nos primeiros textos será aprimorada pela escolha da poética barroca, recriada nos romances de maturidade e como resposta estilística às questões do Modernismo. O propósito de fundar uma revista cujos preceitos estéticos não mais se prendessem à questão lingüística, acenava para a necessidade de renovação, ainda que de forma “construtiva”. É inegável ser a lição de literatura de Autran Dourado fundamental para se pensar na nova geração de escritores que surge nos anos 40, incompreendida por Mário de Andrade que, ao se deparar com a ficção de Lúcio Cardoso ou de Murilo Rubião, reconhecia, contudo, que outras linguagens começavam a despontar no cenário literário brasileiro.

RÉSUMÉ

Cet essai a pour but la présentation de la génération **Edifício**, un groupe d'intellectuels réunis autour de la revue du même nom. Parue en 1946, à Belo Horizonte, la revue a eu quatre numéros, et s'inscrit comme l'un des plus importants documents pour la récupération de la mémoire de la vie littéraire de cette époque-là.

Referências bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond. **Confissões de Minas**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967.
- DOURADO, Autran. Se dermos um pontapé no latifundio e saírmos do feudalismo, então conseguiremos alguma cousa. **Edifício**, Belo Horizonte, n. 2, p. 30, 1946.
- DOURADO, Autran. **Um artista aprendiz**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- DRUMMOND, Thais. **Hélio Pellegrino; um ensaio biográfico**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras UFMG, 1998. (Tese, Doutorado)
- MAGALDI, Sabato. Nosso testemunho talvez se resuma em dar forma pessoal à dissolução da personalidade. **Edifício**, Belo Horizonte, n. 2, p. 12, 1946.
- PAIVA, Aparecida. **A voz do veto**. Belo Horizonte: Autêntica, 1997.
- RESENDE, Otto Lara. Posso garantir, no entanto, que todos somos uns bons rapazes; é a única coisa de que estou certo. **Edifício**, Belo Horizonte, n. 2, p. 43, 1946.
- SOUZA, Eneida Maria de. Vozes de Minas nos anos 40. In: MIRANDA, Wander Melo (Org.). **A trama do arquivo**. Belo Horizonte: CEL/FALE, Editora da UFMG, 1995.
- TEIXEIRA, Morse Belém. Não necessito de licença de ninguém para falar sobre aquilo que é um pouco meu. **Edifício**, Belo Horizonte, n. 2, p. 36, 1946.
- WERNECK, Humberto. **O desatino da rapaziada**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.